

A participação de mansorenses em conflitos militares

Texto elaborado por José António Rocha com base em conteúdos do livro
ROCHA, José António - *O livro de Mansores*. Mansores: Bucólica, [no prelo].

Mansores, 16 de junho de 2024

A guerra e o serviço militar daqueles que são chamados a fazer a guerra parecem-nos muito distantes, coisas do antigamente e de terras longínquas, a que acedemos apenas pela mediação dos ecrãs e com as quais não temos nada a ver. Mas não é bem assim. Desde logo, o território português, no séc. xx, passou por duas revoluções em que os militares foram protagonistas (revolução republicana de outubro de 1910 e revolução de abril de 1974) e por duas guerras (grande guerra de 1914-1918 e guerra colonial de 1961-1974); houve portugueses nos campos de concentração nazis; no séc. xix Portugal sofreu as invasões francesas, foi palco de uma revolução liberal e de uma longa guerra civil. Isso foi ontem. E também foi aqui, em Mansores, e daqui saíram militares combatentes e nem todos regressaram.

Faz agora meio século, o nosso país saía de um conflito militar que obrigara muitos dos jovens desta freguesia a embarcar para combater na assim chamada guerra colonial ou guerra do ultramar; muitos deles ainda vivem para contá-la. Contemos também nós um pouco da história do serviço militar feito por mansorenses, registemos no metal e na pedra os seus nomes, para que se lembrem sempre. Imaginemos o que terá sido o drama de tantos homens, alguns já com filhos, vendo-se forçados a deixar a família para serem lançados na desumanidade da guerra, com irmão a matar irmão. Serviram a pátria. Imaginemos também a dor daqueles que vieram os seus partir sem saber se regressariam¹.

A localização de Mansores não fez da freguesia um ponto especialmente central nos percursos de conquistas e batalhas militares, se bem que um elemento matricial e, portanto, identitário, da povoação (o seu próprio nome, Mansores²) se deve à conquista militar e ocupação do território na idade média pelos povos do norte de África que conquistaram estas terras. Já as povoações vizinhas assistiram a vários confrontos que ficaram na história, devendo-se tal à sua maior proximidade em relação à passagem de vias de comunicação de maior importância.

Período medieval

Mansores, enquanto tal, começou a existir no séc. xi, precisamente na altura em que se encerrava um longo conflito militar que envolveu a região entre 716 e 1058, conflito esse que opôs os cristãos peninsulares aos povos muçulmanos vindos do norte de África. Nesse período ocorreu, em 1035, na vizinha localidade de Cesar, que pertencia ao mesmo território que Mansores, uma batalha em que as tropas cristãs do rei de Leão, Bermudo III, saíram vitoriosas sobre o inimigo muçulmano. Segundo a *Chronica Gothorum*, a 23 de março de um ano que os

¹ Um exemplo ilustrativo: “O filho António foi destacado para a guerra do Ultramar, para servir em Angola. Antes de embarcar, veio de motorizada à Avitureira despedir-se da família. No fim, o pai e o irmão Nelson acompanharam-no até à volta do Barrocal. Quando o António partiu, o pai meteu-se pelo caminho em direção ao Barrocal, a chorar.” Cf. ROCHA, José António, ed. – *Nós, se fôssemos a contar o que se passou... Memórias do casal Agostinho Gomes da Rocha e Guilhermina Rosa da Conceição*. Mansores, [ed. Autor], 2017, p. 57.

² O topónimo Mansores é um antropónimo: tem origem no nome árabe Mançor ou Mansur e pela terminação em es significa “os filhos (ou descendentes) de um Mançor”. *Mançor* significa, em árabe, vitorioso. A atribuição deste nome à freguesia pode ter relação com Almançor (ca. 938-1002), líder político e militar muçulmano.

especialistas consideram ter sido 1035, “o rei D. Bermudo teve uma vitória sobre os mouros, lutou com eles e aprisionou-lhes aí o rei Cémia na povoação de Cesar, no território do castelo de Santa Maria.” Que consequências terá tido esta batalha na nascente povoação de Mansores? E, que concluir ao constatar que estamos prestes a celebrar 1.000 anos desta batalha ocorrida na nossa terra, hoje, nestes tempos da tão falada islamização da Europa e da tão temida expansão do terrorismo que usa o Islão?

Dos muitos conflitos que se travaram nos séculos seguintes, nomeadamente no quadro da emergência e afirmação do reino de Portugal, ignoramos se alguns deles tiveram impacto direto em Mansores, por exemplo em termos de recrutamento de camponeses para servir em combate.

Serviço militar obrigatório

Em 1599 a *lei das armas* estipulou que, em geral, em Portugal os homens com idade entre 18 e 60 anos de idade, sem doenças físicas ou mentais, podiam ser requisitados para prestar serviço militar³. O serviço militar obrigatório, porém, foi instituído apenas no séc. XIX e terminou em 2004. A inspeção militar, com vista à seleção para o cumprimento do serviço militar foi, até finais do séc. XX, vivida pelos mancebos das povoações rurais portuguesas como um *rito de passagem* à vida adulta. Também em Mansores.

Os jovens iam à inspeção, geralmente em grupo, no ano em que eram convocados e no dia marcado. A inspeção fez-se durante muitas décadas no edifício dos paços do concelho de Arouca; mais tarde no Centro de Recrutamento e Mobilização da região militar. Feita a inspeção, podiam ficar em estado de *apurado*, *esperado* ou *livre*. Ficar *apurado* significava de certo modo o reconhecimento de plena masculinidade e, enquanto tal, era motivo de orgulho, embora também de apreensão, nos tempos de guerra, por significar o risco de ter de combater. Ficar *livre*, ou como se dizia, *livrar da tropa*, causava certa tristeza no que significava a identificação de alguma característica não conforme aos padrões físicos e psíquicos exigidos para se poder cumprir o serviço militar, mas era também sinal de alívio nas alturas de guerra. Prática comum era a dos *pedidos*, vulgo *cunhas*, daqueles que tinham meios para tal e pretendiam *livrar da tropa*. Outra prática para fingir o serviço militar obrigatório passava pela emigração durante a adolescência. Era ter de escolher entre o risco de morrer, a obrigação de matar ou a necessidade de fugir. Hoje, um pouco por toda a Europa, incluindo em Portugal, o regresso do serviço militar obrigatório é uma possibilidade em cima da mesa e é uma séria possibilidade.

Guerra da Restauração (1640-1668)

A guerra da restauração iniciou-se com a revolta de 1 de dezembro de 1640, que, aproveitando os efeitos de uma sublevação ocorrida na Catalunha, pôs termo à soberania espanhola ou filipina do reino de Portugal que se prolongava desde 1580. Durante esta guerra da restauração travaram-se várias batalhas nas quais os exércitos de Espanha tentaram recuperar o poder sobre Portugal, até que em 1668 foi assinado o tratado de paz conhecido por Tratado de Lisboa. A guerra durou, portanto, 28 anos.

Em 1647, o Corregedor das comarcas de Coimbra e Esgueira foi encarregado de recrutar nessas duas comarcas soldados para a Guerra da Restauração. Estes soldados tinham a designação de *soldados auxiliares*. Conserva-se ainda hoje um rol dos soldados alistados⁴.

³ Cf. COSTA, Francisco Barbosa da; COSTA, Paulo – *São Salvador de Vilar de Andorinho: notas monográficas*. Vilar de Andorinho: Junta de Freguesia, 2013, p. 249.

⁴ Biblioteca Nacional de Portugal – *Fundo Geral de Manuscritos*, códice n.º 8569. Os soldados de Mansores vêm referidos no fólio 57.

Segundo esse rol, dos 181 soldados recrutados na Vila da Feira (aqui chamada *Condado da Feira*), e entre aqueles que serviram às ordens do capitão André Soares Mar[?], consta a referência de dois soldados recrutados na freguesia de Mansores. São dois conterrâneos nossos que, como se escreve na ata que está no fólio 3 deste rol, serviram Sua Majestade “porque tudo será em benefício e alívio dos povos”. Estes soldados foram:

- Brás João, do lugar da Avitureira, de 39 anos;
- António Duarte, do lugar das Póvoas, de 40 anos.

São os primeiros dois mansorenses acerca dos quais localizámos registo documental que evidencia terem sido recrutados para defender a Pátria. Não localizámos outra informação biográfica, como seja a sua filiação, descendência ou data de morte, ou até se a sua mobilização e a sua participação efetiva em operações militares no terreno terão sido factos históricos. Mas, as fontes permitem pelo menos presumir essa possibilidade. A propósito, o lugar da Avitureira está documentado a partir de inícios do séc. XVI e existe, enquanto o lugar das Póvoas está documentado nos séc. XVII e XVIII e teria alguma relevância na altura, mas a partir de finais do séc. XVIII deixa de ser referido e ignoramos onde se situaria.

Guerra Peninsular ou invasões francesas (1807-1811)

No contexto da guerra peninsular, vulgarmente conhecida como *invasões francesas*, o reino de Portugal foi invadido pelo exército francês por três vezes, a primeira em 1807-1808, a segunda em 1809 e a terceira em 1810-1811.

Na segunda invasão, sob o comando do marechal Soult, as tropas francesas atacaram o Norte do país entre março e maio de 1809. Ocuparam o Porto a 28 de março e depois fizeram incursões a sul do Douro. Foi nesse contexto que a 17 de abril de 1809 os invasores cercaram a povoação de Arrifana, matando mais de 60 pessoas como retaliação à emboscada sofrida por um piquete de cavalaria. Lembramos que nessa data Mansores e Arrifana pertenciam à mesma unidade administrativa, ao mesmo território: a vila de Oliveira de Azeméis. Também por esses dias se travaram nas proximidades da freguesia de Mansores combates entre os invasores franceses, por um lado, e militares e milicianos portugueses, por outro: tendo as forças francesas tentado penetrar no vale de Arouca, foram aí travadas em combates que se prolongaram por nove dias⁵; o palco principal destes combates foi o sítio da Farrapa (Chave), sendo que a defesa também estaria montada noutros pontos estratégicos de acesso ao território de Arouca, como o vale de Rossas e o Carvalhal, em Tropeço.

Companhias de ordenanças e guerras liberais (1832-1834)

Em 1570, D. Sebastião fez uma reorganização militar do reino, criando as capitánias-mores, que se subdividiam em companhias de ordenanças. A base da constituição das capitánias-mores era a Terra (vila, concelho, honra, etc.). O capitão-mor era escolhido pelas jurisdições de cada terra; as terras tanto podiam ser do rei como de senhorios nobres ou eclesiásticos. O capitão-mor nomeava todos os oficiais das companhias, sendo ajudado por um sargento-mor. As companhias de ordenanças deveriam ser compostas no mínimo por 250 homens, comandados por um capitão, um alferes, um sargento e 10 cabos de esquadra. Cada companhia dividia-se depois em dez esquadras, cada uma liderada por um cabo de esquadra. Cada companhia tinha também um meirinho e um escrivão.

⁵ Cf. Simões Júnior – Arouca: subsídios para a sua monografia. *Defesa de Arouca*, 07-04-1989, p. 8; França – *Cartas baianas (1821-1824)*, p. 236.

As companhias de ordenanças, com modulações variáveis, perduraram por cerca de dois séculos e meio. Os cidadãos de Mansores que integraram estas companhias, como soldados, capitães ou alferes, fizeram-no em companhias das terras às quais à época pertencia a freguesia: a vila da Feira até 1799; a vila de Oliveira de Azeméis após essa data. Encontrámos registos de dois cidadãos que, residentes em Mansores, integraram estas companhias.

- Manuel de Pinho de Almeida Pereira Cabral e Vasconcelos (1743-1816). Foi alferes de ordenanças de Oliveira de Azeméis. Ainda hoje a sua casa, no lugar da Estrada, e a sua descendência são conhecidas como *casa do Alferes*.

- António Joaquim da Fonseca Landim Castro Portugal (1795-1868). Capitão da 5.ª companhia de ordenanças de Oliveira de Azeméis. Ainda hoje a sua casa, no lugar da Estrada, e a sua descendência são conhecidas como *casa do Portugal*.

No contexto das guerras liberais que decorreram entre 1832 e 1834, além da intervenção das companhias de ordenanças, tiveram um papel central as milícias espontâneas. Uma das milícias que fizeram história nas guerras liberais foi a milícia formada em 1832 pelo lendário frei Simão de Vasconcelos, natural de Cesar, o qual foi intercetado perto de Mansores (em Soutelo, Chave) antes de ter sido capturado a caminho de Viseu⁶.

Grande Guerra de 1914-1918

Marco incontornável da história contemporânea e consagrada como a Primeira Guerra Mundial, a Grande Guerra de 1914-1918 envolveu muitas nações, entre as quais Portugal, que “mobilizou mais de 100.000 homens, dos quais mais de 18.000 para Angola, cerca de 30.000 para Moçambique, e mais de 56.000 para França. Em todas as frentes se travaram combates, mas os efetivos portugueses só participaram numa batalha, a Batalha de La Lys, na Flandres, no dia 9 de abril de 1918. No total, Portugal perdeu 7.760 homens, a que se somaram mais de 16.000 feridos e mais de 13.000 prisioneiros e desaparecidos”⁷.

Embora os combates se tenham travado a milhares de quilómetros de distância, esta guerra teve impacto muito concreto em Mansores. A partir sobretudo da série de boletins individuais de soldados conservada no Arquivo Geral do Exército, identificámos 25 soldados naturais de Mansores e enviados para combate na Grande Guerra e um outro soldado, nascido em Escariz, mas que estabeleceu residência em Mansores. São heróis que não podiam ficar esquecidos. Pertencendo ao distrito de Aveiro, estes soldados integraram o Batalhão ou Regimento de Infantaria n.º 24. 11 combateram em França, integrados no Corpo Expedicionário Português⁸; quatro combateram em Angola⁹; e 11 combateram em Moçambique¹⁰. Estão referenciados no quadro 1 abaixo.

⁶ Frei Simão de Vasconcelos foi um antigo monge de Alcobaça, natural de Cesar, que em 1832 organizou uma guerrilha liberal, a qual, deslocando-se a Arouca, foi intercetada. Uns fugiram, outros foram capturados, entre os quais o próprio frei Simão de Vasconcelos, que, com 13 outros guerrilheiros, foi condenado à morte e fuzilado a 17 de outubro de 1832. Tem ascendência comum com a família do Alferes da Estrada, de Mansores.

⁷ Memorial aos mortos na Grande Guerra, acessível em <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/>.

⁸ Abel Correia dos Santos Lima; Alberto Pinho Moreira; Amadeu Correia dos Santos Lima; António Alves de Almeida; António da Silva Neves; António Joaquim Fernandes; Augusto Correia dos Santos Lima; José Francisco do Meio (nascido em Escariz); Manuel de Paiva; Manuel Joaquim Moreira; e Ricardo Alves de Araújo Neves e Silva.

⁹ António Alves Moreira; António Correia Borges (que também dava pelo nome de António Francisco Borges); Joaquim Francisco da Silva; e Manuel Moreira Alves.

¹⁰ Alfredo Tavares Pereira; António Alves de Araújo; António Francisco da Rocha; António Gomes Moreira; António Pereira dos Santos Lima; David Gomes Álvares de Castro (destacado para Macau, mas efetivamente combatente em Moçambique); Domingos Correia da Conceição; José de Almeida; José Joaquim Brandão; Manuel Coelho de Oliveira; e Manuel Francisco de Almeida.

Tanto quanto temos registo, faleceram durante o cumprimento do serviço militar dois cidadãos naturais de Mansores: António Alves de Araújo e José Joaquim Brandão, tendo todos os demais regressado vivos e sem registo de ferimentos graves.

A título de curiosidade, refira-se que, segundo os dados de embarque e desembarque:

- O primeiro soldado mansorense a partir foi Manuel Moreira Alves, que embarcou para Angola a 3 de dezembro de 1914 e desembarcou em Lisboa a 3 de fevereiro de 1916, antes de qualquer um dos outros soldados de Mansores embarcar;
- Nove dos 11 soldados que combateram em Moçambique embarcaram no mesmo dia: 28 de maio de 1916;
- Seis dos 11 soldados que combateram em França embarcaram no mesmo dia: 23 de fevereiro de 1917;
- Três dos quatro soldados que combateram em Angola embarcaram no mesmo dia: 17 de dezembro de 1917 e regressaram também os três no mesmo dia. Foram os últimos soldados mansorenses a regressar daquela guerra; desembarcaram em Lisboa a 16 de fevereiro de 1920.

Não há memória coletiva viva em Mansores sobre a participação dos nossos conterrâneos na Grande Guerra, e por mais de um século não se fez cá algum monumento ou evocação dessa participação. Contudo, há um *monumento* muito singelo, datado da época e que ainda se conserva: uma inscrição numa rocha no caminho da Esganela com a seguinte data: “3.5.1916”. Consta, e é verosímil, que um dos soldados, ao ali passar nesse dia para embarcar em Lisboa, gravou na rocha essa data; é bastante provável que tenha sido um dos nove soldados que embarcaram em Lisboa a 28 de maio de 1916 com destino a Moçambique; quiçá, poderá ter sido António Alves de Araújo, nascido na Ribeira e falecido durante a viagem de regresso de Moçambique.

Dignas de registo, tanto quanto apurámos, são as circunstâncias de 1) António da Silva Neves, após ter sido mobilizado para Angola durante a Grande Guerra, ver o filho Manuel da Silva Neves Moreira ser igualmente destacado para Angola, mas já no contexto da Guerra Colonial, e ambos com registo de heroicidade; 2) Amadeu Correia dos Santos Lima, após ter integrado o Corpo Expedicionário Português, em França, ver o filho Albino Correia dos Santos Lima ser igualmente destacado para combate, no caso, na Guiné, no contexto da Guerra Colonial.

Quadro 1 - Mansorenses combatentes na Grande Guerra de 1914-1918

Nome	Nascimento	Falecimento	Filiação	Destacado para	Embarque / desembarque
Abel Correia dos Santos Lima ¹¹	12-03-1888 (Vila)	11-12-1972 (Fermedo)	Joaquim Correia dos Santos Lima Libânia de Jesus	França	? ?
Alberto Pinho Moreira ¹²	20-02-1895 (Agras)	? (?)	João Pereira Ramos Margarida Joaquina Moreira	França	23-02-1917 01-04-1918
Alfredo Tavares Pereira ¹³	28-08-1893 (Avitureira)	25-01-1977 (Avitureira)	José Tavares Maria Emília da Conceição	Moçambique	28-05-1916 21-11-1917

¹¹ Arquivo Geral do Exército (AGEx), ano 1888, proc. n.º 333. O registo deste soldado no Arquivo Geral do Exército não refere a sua participação na Grande Guerra. Porém, uma outra fonte (AMA – *Relação das pensões a pagar no mês de Agosto de 1919 dos expedicionários à França. Regimento de Infantaria n.º 24 – Aveiro*) refere um soldado “Abel dos Santos” nascido em Mansores e que terá participado no CEP à França. Embora, com reservas, reconhecemos a possibilidade de tratar-se de Abel Correia dos Santos Lima, pelo que, à condição, o integramos nesta relação de soldados destacados para a Grande Guerra.

¹² AGEx, ano 1895, proc. n.º 10345.

¹³ AGEx, ano 1893, proc. n.º 4789.

Amadeu Correia dos Santos Lima ¹⁴	24-06-1895 (Vila)	06-12-1971 (Casal)	Ricardo Correia dos Santos Lima Bernardina Henriques de Lima	França	23-02-1917 10-09-1918
António Alves de Almeida ¹⁵	19-10-1895 (Ribeira)	28-01-1925 (Ribeira)	? Margarida de Almeida	França	20-01-1917 19-05-1919
António Alves de Araújo ¹⁶	18-12-1892 (Ribeira)	21-07-1917 [f. a bordo do vapor "África"]	Manuel Alves de Araújo Ana Ermelinda de Almeida	Moçambique	28-05-1916 [f. na viagem de regresso]
António Alves Moreira ¹⁷	15-06-1896 (Estrada)	30-06-1971 (Estrada)	José Alves Moreira Maria Gomes de Oliveira	Angola	17-12-1917 16-02-1920
António Correia Borges ¹⁸	08-08-1896 (Serra da Vila)	12-09-1953 (Vila)	António Francisco Borges Maria Correia de Lima	Angola	17-12-1917 16-02-1920
António Correia dos Santos Lima ¹⁹	14-04-1893 (Vila)	21-02-1927 (Vila)	Ricardo Correia dos Santos Bernardina Henriques de Lima	Moçambique	28-05-1916 03-07-1919
António da Silva Neves ²⁰	02-05-1892 (Casal)	25-11-1970 (Costa)	Manuel José da Silva Neves Margarida da Conceição Neves	França	14-07-1917 31-05-1919
António Francisco da Rocha ²¹	27-11-1894 (Ribeira)	24-09-1982 (Ribeira?)	Manuel Francisco da Rocha Margarida Joaquina	Moçambique	28-05-1916 14-02-1917
António Gomes Moreira ²²	03-02-1892 (Ribeira)	14-02-1970 (Ribeira)	José Gomes Moreira Inês de Jesus	Moçambique	28-05-1916 14-02-1917
António Joaquim Fernandes ²³	20-02-1895 (Estrada)	17-09-1961 (Estrada)	Agostinho Joaquim Fernandes Cristina Maria Soares	França	16-05-1917 03 ou 04-04-1919
Augusto Correia dos Santos Lima ²⁴	30-03-1891 (Vila)	13-04-1956 (São Martinho de Bougado, Santo Tirso)	Joaquim Correia dos Santos Lima Libânia de Jesus	França	21-04-1917 01-05-1919
David Gomes Álvares de Castro ²⁵	24-05-1896 (Agras)	23-07-1962 (Escariz)	Manuel Gomes Álvares de Castro Margarida Emília de Jesus	Macau	18-10-1917 10-05-1918

¹⁴ AGEx, ano 1895, proc. n.º 8956. Em meados de 1924 emigrou para o Brasil, tendo posteriormente regressado a Mansores.

¹⁵ AGEx, ano 1895, proc. n.º 10559. Integrou a 4.ª bateria do Regimento de artilharia n.º 2. Em final de 1921 emigrou para o Brasil, mas pouco mais de três anos passados faleceu, em Mansores.

¹⁶ AGEx, ano 1892, proc. n.º 4307. De regresso à metrópole, embarcou em Lourenço Marques a 28 de junho e faleceu a 21 de julho de 1917, a bordo do vapor 'África', em viagem de Cabo Verde para Lisboa (AGEx – *Processos individuais de militares*, ano 1892, proc. 4307). Morreu vítima de paludismo a 21-07-1917, tendo sido sepultado no mar (Memorial aos mortos na Grande Guerra: <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/>).

¹⁷ AGEx, ano 1896, proc. n.º 11093. Irmão de Manuel Moreira Alves, também combatente. Sua esposa chamava-se Deolinda e viviam na residência paroquial.

¹⁸ AGEx, ano 1896, proc. n.º 11094. Em finais de 1929 emigrou para o Brasil, tendo depois regressado à pátria. Os registos militares e os registos de pedido de emissão de passaporte para emigração para o Brasil referem-no como António Francisco Borges, embora os registos paroquiais o refiram com o nome de António Correia Borges, que o próprio usava preferencialmente, pelo que aqui se adota também como preferencial.

¹⁹ AGEx, ano 1893, proc. n.º 6591.

²⁰ AGEx, ano 1892, proc. n.º 2466. Integrou o Regimento de Artilharia n.º 6 (3.ª secção de metralhadoras). Recebeu um louvor "porque encontrando-se mantendo a ligação das linhas em este comando deu provas de grande coragem e dedicação pelo serviço fazendo por várias vezes as comunicações debaixo de bombardeamento e mostrando sempre boa vontade no desempenho da sua missão" (Arquivo Histórico Militar – Boletins individuais do CEP, ref.ª PT/AHM/DIV/1/35A/2/43/40257).

²¹ AGEx, ano 1894, proc. n.º 7021.

²² AGEx, ano 1892, proc. n.º 2463.

²³ AGEx, ano 1895, proc. n.º 8957. Integrou a Companhia de Pontoneiros. O boletim refere a sua mãe como Cristina Gomes.

²⁴ AGEx, ano 1891, proc. n.º 441. Integrou o Batalhão de Sapadores de Caminhos-de-Ferro.

²⁵ AGEx, ano 1896, proc. n.º 11095. Embarcou para servir na província de Macau, desembarcando a 17 de novembro em Moçambique, onde ficou a aguardar transporte para Macau. Mas não terá seguido para Macau, pois,

Domingos Correia da Conceição ²⁶	20-09-1888 (Estrada)	05-01-1957 (Estrada)	António da Conceição Margarida Correia de Lima	Moçambique	28-05-1916 05-10-1918
Joaquim Francisco da Silva ²⁷	30-12-1896 (Agras)	24-04-1983 (Mafamude, V.N. Gaia)	António Francisco da Silva Maria Joaquina	Angola	17-12-1917 16-02-1920
José de Almeida ²⁸	15-05-1892 (Ribeira)	11-11-1978 (Penafiel)	? Margarida de Almeida (solteira)	Moçambique	28-05-1916 14-02-1917
José Francisco do Meio ²⁹	13-11-1890 (Vér, Escariz)	25-12-1982 (Avitureira)	Manuel Francisco do Meio Mariana Gomes de Almeida	França	23-02-1917 23-08-1918
José Joaquim Brandão ³⁰	13-09-1892 (Agras)	20-05-1917 (Moçambique)	António de Pinho Brandão Maria Rosa	Moçambique	?
Manuel Coelho de Oliveira ³¹	23-09-1890 (Casal)	? (?)	António Coelho de Oliveira Maria Rosa	Moçambique	28-05-1916 21-11-1917
Manuel de Paiva ³²	17-09-1894 (Estrada)	15-11-1925 (Estrada)	Victorino Paiva Rosalina Rosa	França	23-02-1917 22-06-1919
Manuel Francisco de Almeida ³³	11-02-1891 (Costa)	11-01-1981 (Casal)	José Francisco de Almeida Ana Emília de Almeida	Moçambique	28-05-1916 21-11-1917
Manuel Joaquim Moreira ³⁴	05-11-1895 (Casal)	13-06-1967 (Rio de Janeiro, Brasil)	Bernardino Joaquim Bernardina Rosa Gonçalves	França	23-02-1917 18-06-1919
Manuel Moreira Alves ³⁵	01-05-1893 (Estrada)	05-07-1957 (Estrada)	José Alves Moreira Maria Gomes de Oliveira	Angola	03-12-1914 03-02-1916
Ricardo Alves de Araújo Neves e Silva ³⁶	26-03-1895 (Ribeira)	15-11-1971 (Mafamude, V. N. Gaia)	de Manuel Alves de Araújo Neves e Silva Maria Joaquina de Pinho e Oliveira	França	23-02-1917 20-03-1919

estando em Moçambique, entrou em operações contra os alemães, e é possível que tenha sido ferido, pois regressou pouco depois, para ser presente à Junta de Saúde das Colónias.

²⁶ AGEx, ano 1888, proc. n.º 335.

²⁷ AGEx, ano 1896, proc. n.º 11097.

²⁸ AGEx, ano 1892, proc. n.º 2469. Embora tendo falecido em Penafiel, foi sepultado em Mansores, sua terra natal.

²⁹ Foi ferido em combate a 14-09-1917. Não sendo natural de Mansores, casou na Avitureira, onde viveu e deixou descendência.

³⁰ Não localizámos o processo deste soldado no Arquivo Geral do Exército. Porém, segundo uma outra fonte (Memorial aos mortos na Grande Guerra: <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/>), um soldado de nome José Joaquim Brandão, natural de Mansores, morreu de infeção palustre interna, a 20 de maio de 1917, enquanto servia em Moçambique, tendo sido sepultado no cemitério de Mocímboa da Praia. Após cruzamento da informação com os registos de batismo da paróquia de Mansores julgamos tratar-se do cidadão aqui referenciado.

³¹ AGEx, ano 1890, proc. n.º 342.

³² AHM – Boletins individuais do CEP, ref.ª PT/AHM/DIV/1/35A/2/14/12029.

³³ AGEx, ano 1891, proc. n.º 444. Atirador de 1.ª classe. Domiciliou-se na Serra da Vila e depois na Mouta, onde viveu a maioria de sua vida, vindo a falecer no Casal em casa de uma sobrinha.

³⁴ AGEx, ano 1895, proc. n.º 8959. Emigrou para o Brasil em final de 1921, tendo-se aí fixado. Por ocasião da sua morte, a *Defesa de Arouca* (edição de 08-07-1967) publicou a seguinte notícia: “Falecimento / Manuel Joaquim Moreira / Depois de uma breve enfermidade, faleceu, aos 72 anos de idade, no passado dia 13 de junho na cidade do Rio de Janeiro, onde residia há longos anos, o sr. Manuel Joaquim Moreira, onde era muito estimado. Foi ex-combatente da 1.ª Grande Guerra Mundial, onde se destacou, por diversas ocasiões, por atos de bravura e heroísmo. / O extinto era natural do lugar do Casal, da freguesia de Mansores, filho do sr. Bernardino Joaquim e de D. Bernardina Rosa Gonçalves, já falecidos, e marido de D. Elisa Gomes Soares, também natural do lugar da Bouça, de Mansores. Deixou filhos e netos, residindo alguns em Brasília. / Com grande acompanhamento, seu funeral foi realizado no dia seguinte para o Cemitério de São Francisco Xavier (Caju), onde repousa em jazigo perpétuo.”

³⁵ AGEx, ano 1893, proc. n.º 4794. A 27 de abril de 1916 apresentou-se a fim de integrar a expedição a Moçambique, tendo, porém, sido declarado incapaz para servir no Ultramar.

³⁶ AGEx, ano 1895, proc. n.º 8960. A 01-05-1917 passou ao regimento de obuses de campanha. Em agosto de 1919 integrou a Guarda Nacional Republicana, onde fez carreira. Mudou residência para Vilar de Andorinho (Vila Nova de Gaia).

Monarquia do Norte (1919)

Em plena Primeira República portuguesa, e pouco depois de terminada a Grande Guerra, deu-se, a 19 de janeiro de 1919, uma contrarrevolução na cidade do Porto, a qual restaurou a monarquia naquela cidade, com adesão generalizada da região Norte do país. Todavia, passado um mês toda a ação revoltosa havia sido definitivamente neutralizada. Combatendo ao serviço do exército que recuperou o domínio republicano da região Norte estiveram pelo menos dois mansorenses:

- José Gomes da Conceição³⁷. Soldado n.º 620. [n. 05-12-1896 (Vila); f.? (?)]. Filho de Custódio Gomes da Conceição e de Miquelina de Jesus. Entre 21 de janeiro e 21 de fevereiro de 1919 “fez parte da coluna de operações conta os rebeldes monárquicos no Norte”.

- Alfredo Joaquim Moreira³⁸. Soldado n.º 766. [n. 20-08-1897 (Casal); f.? (?)]. Filho de Bernardino Joaquim e de Bernardina Gonçalves. Entre 21 de janeiro e 21 de fevereiro de 1919 “fez parte da coluna de operações conta os rebeldes monárquicos no Norte”, tendo participado nos combates ocorridos em Frossos (Albergaria-a-Velha) a 29 e 30 de março, em Salreu a 10 de fevereiro e em Estarreja a 11 de fevereiro. Casou em Fermedo a 9 de janeiro de 1943.

Guerra Colonial (1961-1974)

A Guerra Colonial – ou Guerra do Ultramar – estendeu-se entre 1961, altura em que se iniciaram os conflitos armados em Angola, e 1974, por ocasião do chamado processo de *descolonização* e da independência das antigas províncias ultramarinas. O governo, para travar essa guerra, aumentou o período de serviço militar obrigatório, intensificou o recrutamento e mobilizou um grande contingente de soldados, sobretudo para Angola, Guiné e Moçambique. Face às circunstâncias, para escapar ao serviço militar e à guerra, muitos adolescentes e jovens de Mansores emigraram, alguns viajando clandestinamente para Espanha e daí embarcando para o Brasil.

De Mansores, foram mobilizados para o Ultramar para servir nesta guerra 62 jovens, segundo conseguimos apurar. Nenhum morreu e nenhum regressou com ferimentos graves, o que foi tido como uma graça. Mas há memória de alguns destes nossos conterrâneos terem sido gravemente feridos em combate, como é o caso de Manuel da Silva Neves Moreira, que serviu como polícia em Angola, sendo que curiosamente era filho de António da Silva Neves, heroico combatente na Grande Guerra.

Quer para os que embarcaram, quer para os que os viram partir, a experiência desta guerra foi dramática e intensa; marcou uma geração. Há memória de que toda a comunidade sofria sempre que chegava à freguesia mais uma carta das Forças Armadas a convocar mais um soldado para a guerra. Enquanto serviam no Ultramar, os soldados mantinham-se em ligação com a terra através de correspondência regular, alguns casaram nessa altura por procuração, muitos fizeram amizades com camaradas que ficaram para a vida para vários deles a guerra foi uma oportunidade para romper com o destino e os limites da aldeia e ganhar mundo.

No Casal há dois arruamentos com referência aos combatentes: a Rua dos Combatentes e a Travessa dos Combatentes.

³⁷ AGEx – *Processos individuais de militares*, ano 1896, proc. 11098.

³⁸ AGEx – *Processos individuais de militares*, ano 1896, proc. 13636.

Quadro 2 - Mansorenses combatentes na Guerra Colonial de 1961-1974

Nome	Nascimento	Filiação	Destacado para
Adelino dos Santos Fernandes	20-01-1949 (Agras)	Alfredo Joaquim Fernandes Margarida Emília de Jesus	Angola
Albano Moreira da Rocha	09-04-1952 (Agras)	António Francisco Rocha Maria Emília Moreira	Angola
Albino Adalberto Cabral Teixeira	31-05-1950 (Vila)	Antero Francisco Teixeira Maria Madalena Pereira da Silva	Guiné
Albino Correia dos Santos Lima	08-04-1941 (Casal)	Amadeu Correia dos Santos Lima Deolinda Moreira de Lima	Guiné
Albino de Oliveira Correia	17-09-1940 (Bouça)	Manuel Correia Maria Joaquina de Oliveira	Angola
Albino Gomes da Conceição	21-12-1935 (Avitureira)	António da Conceição Maria Gomes da Conceição	Índia
Albino Tavares de Oliveira	11-04-1943 (Casal)	Maria Tavares de Oliveira	Guiné
Alfredo de Lima Alves Moreira	14-12-1946 (Estrada)	António Alves Moreira Maria Miranda de Lima	Moçambique
Alfredo dos Santos Pereira	03-06-1935 (Agras)	António José Pereira Maria Emília de Jesus	Índia
Álvaro de Jesus Fernandes	05-02-1942 (Agras)	Alfredo Joaquim Fernandes Margarida Emília de Jesus	Guiné
Amadeu de Almeida Teixeira	16-03-1950 (Ribeira)	Domingos Agostinho Teixeira Angelina de Almeida	Moçambique
Amaro de Oliveira Tavares Moreira	26-01-1953 (Avitureira)	António Tavares Moreira Maria Rosa de Oliveira	Angola
Américo Jesus Moreira	05-01-1946 (Casal)	Alfredo Joaquim Moreira Inês de Jesus	São Tomé e Príncipe
Antero de Pinho da Conceição	16-06-1940 (Estrada)	Manuel Francisco da Conceição Maria Aurora de Pinho	Angola
António Correia da Conceição	19-09-1940 (Estrada)	José Correia da Conceição Maria Correia da Conceição	Angola
António da Conceição da Rocha	04-01-1950 (Avitureira)	Agostinho Gomes da Rocha Guilhermina Rosa da Conceição	Angola
António da Conceição de Almeida	20-03-1950 (Agras)	Ângelo Jorge de Almeida Elvira Gomes da Conceição	Angola
António da Conceição dos Santos	15-10-1935 (Bouça)	Manuel Francisco dos Santos Preciosa da Conceição	Angola
António da Conceição Fernandes	21-04-1951 (Bouça)	Alfredo Fernandes Maria da Conceição	Guiné
António de Lima Oliveira	05-01-1949 (Espinheiro)	Mário da Conceição Oliveira Silvina Moreira de Lima	Angola
António Manuel de Almeida Pinto	30-08-1952 (Casal)	Alfredo Vaz Pinto Júnior Helena Emília de Almeida	Angola
António Moreira Gonçalves	27-01-1948 (Estrada)	José Manuel Gonçalves Conceição Emília Moreira	Guiné
António Moreira Portugal	13-05-1948 (Estrada)	José Guedes de Castro Portugal Maria de Pinho Moreira	Angola
António Portugal Alves	14-01-1951 (Casal)	Avelino Gomes Alves Adelaide Guedes de Castro Portugal	Moçambique
António Teixeira Pereira da Conceição	05-12-1923 (Agras)	Alberto de Almeida Pereira da Conceição Angelina Teixeira de Almeida	Angola
Arlindo dos Santos Paiva	26-09-1949 (Agras)	Manuel de Carvalho Paiva Miquelina Emília dos Santos	Angola
Armando Moreira da Rocha	11-08-1948 (Agras)	António Francisco da Rocha Maria Emília Moreira	Moçambique
Arnaldo Gomes de Pinho	02-05-1950 (Estrada)	Agostinho da Rocha Pinho Emília Gomes dos Santos	Guiné
Artur Moreira de Castro Portugal	14-12-1943	Adriano Gomes de Castro	Angola

	(Ribeira)	Portugal Olívia Rosa Moreira	
Avelino Neves Moreira Leite	08-06-1948 (Casal)	Rodrigo Moreira Leite Maria Emília Neves	Angola
Custódio Morais Vaz	12-04-1945 (Avitureira)	João António Vaz Rosa de Morais	Angola
Carlos Alberto Correia de Lima	14-12-1947 (Vila)	Alberto Correia dos Santos Lima Cristina Fernandes de Lima	Angola
Domingos da Conceição Moreira	09-03-1946 (Estrada)	Avelino Gonçalves Moreira Adelaide da Conceição	Moçambique
Domingos de Jesus da Silva	20-07-1949 (Agras)	Alberto Moreira da Silva Luciana Emília de Jesus	Guiné
Domingos de Oliveira Correia	13-09-1951 (Casal)	Manuel Correia Maria Rosa de Oliveira	Angola
Evaristo da Conceição Ferreira	09-10-1949 (Craсто)	Manuel Ferreira Maria Gomes da Conceição	Angola
Fernando de Almeida da Conceição	16-02-1939 (Vila)	David Gomes da Conceição Zeferina Emília de Almeida	Guiné
Fernando dos Santos Amorim	09-05-1951 (Casal)	Elísio de Amorim Laurinda Joaquina dos Santos	Moçambique
Florentino de Oliveira	15-02-1948 (Casal)	Angelina Rosa de Oliveira	Guiné
Germano da Silva Moreira	14-09-1951 (Ribeira)	Álvaro de Pinho Moreira Maria Ferreira da Silva	Moçambique
Germano Moreira Gonçalves	19-11-1953 (Estrada)	José Manuel Gonçalves Conceição Emília Moreira	Angola
Joaquim Gomes da Silva	06-05-1950 (Agras)	Américo Gomes da Silva Francelina Gomes de Pinho	Angola
Joaquim Portugal da Silva	09-06-1941 (Mata)	Albino Joaquim da Silva Elvira Moreira de Castro Portugal	Angola
José Almeida Teixeira	19-05-1946 (Ribeira)	Domingos Agostinho Teixeira Angelina de Almeida	Moçambique
José de Jesus Duarte	01-12-1947 (Casal)	Agostinho Joaquim Duarte Júlia Rosa de Jesus	Angola
José de Oliveira Santos	07-02-1951 (Bouça)	Adriano Francisco dos Santos Maria Emília de Oliveira	Guiné
Júlio de Paiva Correia	19-10-1948 (Estrada)	António Correia Joaquina Aurora de Paiva	Moçambique
Lausberto Portugal da Silva	04-06-1946 (Mata)	Albino Joaquim da Silva Elvira Moreira de Castro Portugal	Moçambique
Luís Gonçalves Miranda	08-09-1942 (Espinheiro)	Alberto Alves de Miranda Rosa Joaquina Gonçalves	Angola
Manuel Correia dos Santos Lima	23-11-1940 (Vila)	Alberto Correia dos Santos Lima Cristina Fernandes de Lima	Moçambique
Manuel da Conceição Almeida	08-06-1953 (Agras)	Ângelo Jorge de Almeida Elvira Gomes da Conceição	Moçambique
Manuel da Silva Neves Moreira	24-01-1922 (Costa)	António da Silva Neves Maria Rosa de Jesus	Angola
Manuel de Jesus Moreira	13-11-1948 (Casal)	Alfredo Joaquim Moreira Inês de Jesus	Guiné
Manuel de Almeida da Conceição	01-05-1944 (Vila)	David Gomes da Conceição Zeferina Emília de Almeida	Guiné
Manuel dos Santos Paiva	18-05-1946 (Agras)	Manuel de Carvalho Paiva Miquelina Emília dos Santos	Angola
Manuel Fernando Gomes	25-07-1943 (Estrada)	Manuel Alves Gomes Maria Rosa Gomes	Guiné
Mário da Conceição Martins	28-01-1941 (Avitureira)	José Francisco Martins Angelina da Conceição	Guiné
Maximino de Lima Alves Moreira	14-02-1945 (Estrada)	António Alves Moreira Maria Miranda de Lima	Moçambique
Moisés Gomes de Oliveira	03-01-1951 (Bouça)	Manuel dos Santos Oliveira Palmira Gomes	Guiné

Moisés Moreira de Paiva	25-01-1949 (Espinheiro)	José Dias de Paiva Felisbela Moreira de Jesus	Guiné
Serafim da Conceição Neves Cardoso	28-10-1948 (Ribeira)	Joaquim Cardoso Neves e Silva Bernardina Conceição	Guiné
Ventura da Silva Moreira Leite	30-07-1949 (Vila)	Lúis Moreira Leite Henriqueta Moreira da Silva	Angola

Quadro 3 – Combatentes na Guerra Colonial de 1961-1974 que, não sendo naturais de Mansores, ali estabeleceram residência

Nome	Nascimento	Filiação	Destacado para
Abílio de Sousa Gomes Duarte	20-01-1948 (Lameira Branca, Escariz)	Franklim Gomes Duarte Arminda Rosa de Sousa	Angola
António Teixeira dos Santos	10-04-1939 (Tropeço)	António Feiteira dos Santos Alexandrina Teixeira da Silva	Moçambique
João Amadeu da Costa Rocha	19-03-1950 (Cimo de Vila, Nogueira do Cravo)	Manuel Gomes da Rocha Inácia de Melo e Costa	Guiné
Joaquim Jesus dos Santos	20-04-1950 (Mosteirô, São Miguel do Mato)	Justino Gomes dos Santos Maria Rosa de Jesus	Angola
José Gomes de Oliveira	31-10-1939 (Caçus, Escariz)	Joaquim dos Santos Oliveira Elisa Rosa Gomes	Goa (Índia)
Justino da Silva Paiva	09-11-1953 Faldreu (Tropeço)	Manuel de Paiva Joaquina Rosa da Silva	Moçambique
Júlio de Campos Gomes	18-09-1945 (Fermado)	Porfírio Luís Gomes Francelina Campos	Angola
Leonel de Paiva Carvalho	24-05-1942 (Alagoas, Escariz)	Alberto Ferreira de Carvalho Ana Gomes de Pinho	Moçambique
Manuel da Silva Almeida	04-10-1948 (Vacaria, Carregosa)	Manuel Bastos de Almeida Adelaide Joaquina da Silva	Cabo Verde